

# SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



## AS CASAS QUE HABITAMOS: UM ESTUDO DAS NARRATIVAS SOBRE ESPAÇOS DOMÉSTICOS E SUAS APROPRIAÇÕES EM CIDADES GOIANAS

*MELO, Júlia França de; [juliafranca@discente.ufg.br](mailto:juliafranca@discente.ufg.br); FAV-UFG*

*Mestrado, orientado por Prof. Dr. Gabriel Teixeira Ramos*

*Iniciada em 2023*

### **1 Introdução**

Esta pesquisa tem por objetivo entender, poeticamente, as relações que se constroem entre o sujeito morador e a casa, e como se dão as apropriações dos espaços domésticos a partir das narrativas e fabulações de moradores de cidades goianas. Com a observação da sujeito-pesquisadora, pretendemos capturar cenas do cotidiano das casas com o intuito de evidenciar o banal e criar um plano de fundo para as narrativas, costurando as imagens e fotografias com a produção de imagens a partir do texto.

Ao trazer as narrativas para dentro do texto, invocamos a memória como invenção e fabulação da passagem do tempo no espaço das narrativas: a casa. Os eventos trazidos pelo ato de narrar do morador demarcam as divisões temporais, que, por vezes, não são cronológicas. A mistura entre noções de presente e passado é bem vinda, e o foco não são as grandes transformações e mudanças da casa, os pontos finais das narrativas. Os destaques são as vírgulas, as reticências, os parênteses: o que está entremeado e parece banal.

Para isso, pretendemos nos apropriar de literaturas narrativas e poéticas numa tentativa de tornar visível a força das narrativas, a potência que carregam e a sua importância para compreender dinâmicas socioespaciais e culturais. Buscamos autores como Manoel de Barros, Marcel Proust, Georges Perec, Júlio Cortázar, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles para exemplificar e indicar alguns caminhos que

essa pesquisa pode seguir. Para traçar esses caminhos, ou melhor, neles adentrar, planejamos usar o método da cartografia, revertendo “o sentido tradicional de método, sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020, p. 17).

A atenção se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento. As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso. (Ibidem, p. 39)

O caminho que percorremos é construído conforme nos defrontamos com as realidades do objeto da pesquisa. As histórias que serão narradas neste trabalho devem brotar conforme acompanhamos o processo de conhecer a casa e seu morador, existindo sempre essa dupla interlocução, sem hierarquia, pois para nós, a casa narra tanto quanto o sujeito-morador.

A partir das narrativas, esperamos indicar singularidades no que diz respeito a apropriações dos espaços da casa e percepções do sujeito. Recuperamos, então, uma das questões que arquitetos, urbanistas e críticos da arquitetura abordam ao pensar sobre a obsolescência dos ideais modernistas de forma e função, em especial a partir do X CIAM, realizado em 1953, ao discutir a cidade em termos de associação humana.

Nas décadas seguintes, Kenneth Frampton, Robert Venturi, Denise Scott-Brown, Anthony Vidler e outros retomam a discussão questionando a relevância desses ideais. Esse tema tem sido revisado e atualizado constantemente por outros pesquisadores e arquitetos contemporâneos, como Francesco Careri, Paola Berenstein Jacques, Renata Marquez e Wellington Cançado, suscitando debates acerca do sujeito, do corpo e da experiência.

Diante disso, nesta pesquisa, dispomos-nos a buscar uma outra interpretação do espaço, a partir de narrativas e fabulações. O campo ampliado da arquitetura nos ajuda a pensar a disciplina por outra perspectiva; o olhar volta-se para as apropriações do espaço, o banal e o cotidiano; observar as pequenas escalas, em oposição ao monumental, superando os dualismos de forma e função e de estrutura e vedação, por exemplo, é o que traz sentido para a discussão que se propõe.

## **2 Objetivos**

A partir de uma visão ampliada das poéticas dos espaços em conjunto com as práticas cartográficas, a pesquisa tem como objetivo observar e narrar como ocorrem os usos

e apropriações dos espaços domésticos, por meio não só das narrativas e fabulações do sujeito-morador da casa, mas também de reflexões da sujeito-pesquisadora.

- (1) Narrar e fabular espaços domésticos habitados pelo sujeito da pesquisa (sujeito-morador);
- (2) Criar registros textuais e imagéticos das narrativas do sujeito-morador sobre o cotidiano da casa, lançando o olhar sobre o que é considerado banal;
- (3) Observar os processos de mudança das espacialidades e, não obstante, do próprio sujeito e das suas percepções sobre a casa através dos usos e apropriações de seus espaços.

### 3 Abordagem da pesquisa

Para este trabalho, a escolha de utilizar o método da cartografia<sup>1</sup> foi evidente. Quando imaginamos o plano em que a pesquisa se apoia, podemos enxergar possibilidades que saltam aos olhos, já que a casa guarda inúmeras manifestações de subjetividade. Com o método da cartografia, ou melhor, com as pistas que o sujeito, o objeto, o plano e suas inter-relações nos oferecem, será possível delinear qual ou quais caminhos tomar. Passos, Kastrup e Escóssia (2020) o descrevem como um método livre de regras pré-estabelecidas, sem objetivos fixos e planejados, seguindo a direção contrária da pesquisa tradicional moderna.

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020, p. 17)

Dentre os procedimentos teóricos que nos interessa utilizar, guiados pelo método da cartografia, estão as leituras de textos e narrativas que fazem o tipo de aproximação proposta neste trabalho. Para isso, buscamos autores que tratam do cotidiano, das banalidades e da casa, com textos descritivos e/ou críticos.

Banal é definido como algo “sem originalidade; vulgar; corriqueiro” (HOUAISS, 2009, p. 87). Em várias literaturas, o banal é exaltado pelo autor ao mudar o foco do seu olhar, desviando dos grandes eventos, de característica monumental, para perceber e observar o que há nas camadas intersticiais desses acontecimentos. O que há entre? O que há antes e depois? O que há dentro?

---

<sup>1</sup> O método da cartografia não é propriamente um método, mas há pistas dele. Isso se deve pelo fato dos autores e autoras não pressuporem uma epistemologia moderna, mas de rupturas, que vão e voltam ao campo, atentam-se aos processos. Por isso trata-se de "pistas do método da cartografia", extraído do campo psicossocial e tomado pelas ciências sociais e humanas.

Diante desses questionamentos, conseguimos delinear o que nos propomos a narrar dentro deste trabalho, passando pela casa, pelo cotidiano e pelo banal, estudando modos diferentes de relacionar os três pontos, e ainda buscar suas demais relações externas que perpassam o sujeito-morador.

#### **4 Resultados e discussões**

A pesquisa encontra-se, ainda, em estágio inicial. Quanto aos procedimentos empíricos, esses incluem dois momentos: o da busca de dados e o da produção para análise. O primeiro visa colher, ou melhor, produzir relatos, fotografias, desenhos e esquemas que formarão o primeiro apanhado de informações sobre as casas escolhidas para visita.

O segundo constitui uma fase de produção de elementos para analisar, tais como cartografias, atlas, fotomontagens, vídeos, ilustrações, entre outros materiais imagéticos que serão fruto dos dados colhidos no trabalho de campo. As escolhas de quais linguagens e materiais utilizar acontecerão paralelamente às visitas, conforme o sujeito-morador e a própria casa narrarem suas histórias.

Com isso em mãos, pretendemos realizar a síntese das referências produzidas em campo, trazendo para o texto em forma de narração, de fotografia e de poesia, por exemplo. Enquanto experimentação metodológica, a proposta de escrita conta com o uso de desenhos, esquemas e textos dentro de um diário de campo. Esses relatos, que têm por finalidade sinalizar menos informações objetivas do que impressões que se dão no plano dos afetos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020, p. 70), não são imutáveis, pelo contrário, servem justamente para serem consultados e alterados a todo momento, reforçando, mais uma vez, a processualidade da pesquisa.

#### **5 Referências**

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

HOUAISS, Antônio. Instituto Houaiss de Lexicografia. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. 207 p.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016. Tradução de: Ivo Barroso.

SYKES, A. Krista (org.). **O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.